

## **As experiências espirituais negras em África e em diáspora**

### **Apresentação**

A relação estabelecida entre o território que hoje chamamos de Brasil e o continente africano teve início com a diáspora africana que transformou milhões de seres humanos em escravos. A par de todo sofrimento infringido ao povo negro que foi escravizado, a travessia do Atlântico não destruiu a cultura desses grupos, mas a ressignificou e é justamente essa transformação que possibilitou o surgimento de novas tradições tendo por base a herança africana.

A percepção dessas transformações ou dessas ressignificações são observadas na alimentação, na língua, na arte de modo geral, na religiosidade brasileira, entre outros, tal qual encontramos a contribuição dos elementos culturais do dominador português e dos povos originários da terra, chamados de indígenas. No entanto, não podemos perder de vista, que essa relação de incorporação de culturas, costumes e povos tão díspares não ocorreu de forma pacífica como foi idealizada por pensadores da cultura brasileira em outros tempos. Neste processo, que pode ser pensado como sincrético, mesmo extrapolando o universo religioso, a permanência dos traços culturais dos povos oprimidos, no caso em questão, negros e índios, se deu pela resistência e não pela benevolência do opressor.

Ao se pensar numa relação de parentesco, se estabelece que ela vincula indivíduos por meio de seu casamento ou por seu nascimento. Desta forma, as relações consanguíneas são as baseadas no sangue, enquanto as relações de filiação são as formadas através dos casamentos. (KHAPOYA, 2016). Entretanto, muitos homens e mulheres que viveram sua diáspora e foram trazidos para o Brasil perderam seus laços de parentesco consanguíneos e mesmo de filiação e dessa maneira, foi necessário que encontrassem novos meios de se localizarem nessa nova sociedade. Assim, a religião acabou se tornando um elemento de reestruturação do negro em diáspora. A religião negra na América foi reconstruída de modo fragmentado e foi necessária a sua adequação à realidade local. O resultado desse rearranjo foi um produto heterogêneo em que se mostraram visíveis as marcas das tensões e das contradições. (EVARISTO, 2013).

Em seus estudos sobre a Bahia, João José Reis (1996, p.55) fala da ressemantização da palavra parente. A dificuldade que os nascidos na África enfrentavam de constituírem famílias, fossem esses escravos ou libertos, fizeram com que ampliassem o sentido de parente para aqueles que pertenciam a mesma etnia, dando vida a ideia de “parente-nação”. As irmandades negras também se valeram dessa carência dando vida ao parentesco-ritual, que propiciava a seus integrantes mais que um espaço de comunhão e identidade, pois estas estavam disponíveis a fornecer ajuda aos irmanados em diversos momentos de dificuldades, seja na aquisição de suas alforrias, seja se manifestando contra os abusos senhoriais, ou ainda oferecendo auxílio na doença e lhes dando os rituais dignos para um funeral na hora que morriam.

A reatualização dos laços de parentescos surgiam ainda dentro dos tumbeiros durante a travessia do Atlântico, quando passavam a ser família africana e família escrava. Essas relações foram necessárias para que pudessem amenizar os danos causados pela condição desumana a que foram submetidos. O que levou a formação de parentesco fictício ou simbólico uma prática comum. (REIS, 1991).

De acordo com Nascimento (2016) as culturas africanas enfrentaram, desde o início da colonização, um intenso processo de dominação que as colocaram num estado de sítio. O autor continua sua reflexão dizendo que,

Há um indiscutível caráter mais ou menos violento nas formas, às vezes sutis, da agressão espiritual a que era submetida a população africana, a começar pelo batismo, ao qual o escravo estava sujeito nos portos africanos de embarque. As pressões culturais da sociedade dominante, a despeito de seus propósitos e esforços, não conseguiram, entretanto, suprimir a expressa herança intelectual do escravo na medida que ocorreu no Estados Unidos, onde apenas sobreviveram alguns elementos culturais. (NASCIMENTO, 2016, p.123).

Observa-se que os africanos são um povo extremamente espiritual, no entanto esse é o lado menos conhecido ou divulgado da vida africana, pois os missionários que foram para o continente focaram obsessivamente nos espíritos ancestrais e nos espíritos de modo geral, reduzindo a espiritualidade africana, uma vez que o interesse das missões era a conversão do povo africano ao cristianismo. (KHAPOYA, 2016).

Os estudiosos de religião [...] podiam ter feito melhor do que fizeram ao tentar compreender a religião africana e, assim eles poderiam explicá-la para o resto do mundo. Contudo, já que estes estudiosos eram eles próprios principalmente cristãos era difícil para maioria deles sair de sua própria mentalidade religiosa e explorar as várias tradições religiosas na África. Eles deixaram de lado os paralelos nas superstições religiosas entre os anjos, por exemplo, e os espíritos ancestrais. Hoje termos negativos e enganosos ainda abundam em referência às tradições religiosas africanas. (KHAPOYA, 2016, p. 78).

A maior parte dos africanos, tradicionalmente, acreditava no conceito de Deus, como um Ser Supremo, que foi o criador do universo e tudo que nele há. As poucas variações se encontram entre os povos ibo e ioruba da Nigéria, para quem o Ser Supremo tem o auxílio de divindades menores. Esse Ser Supremo e onipotente iorubano é denominado de Olorum e seus auxiliares são os Orixás. Cada Orixá possui um nome e é o responsável por uma função determinada entre os humanos. (KHAPOYA, 2016).

Os kipsigis, quem Khapoya (2016) denomina subgrupo do povo calenjin do Quênia acreditava no Deus supremo *Asis* ou *Asista*, contudo esse poderia ser não um deus, mas vários, uma vez que o povo Kipsigis utilizava diversos nomes para se referir ao Deus, assim como lhe atribuía variadas funções e atividades. Ao mesmo tempo médiuns espirituais tinham maior papel na vida dessa comunidade.

A maior parte dos grupos africanos possui suas próprias lendas e mitos, que são utilizados para explicar a formação do universo, ou ainda para mostrar como se deu a constituição de sua própria comunidade. (KAPOYA, 2016).

Outro atributo do pensamento religioso africano encontra-se nos espíritos, os quais são constituídos como uma força de vida, contudo não são possuidores de forma física concreta. Estes podem ser divididos em dois grupos: 1) os espíritos naturais, os quais estão ligados a objetos naturais ou a forças do céu e da terra; 2) os espíritos humanos, os quais se referem as pessoas que já morreram podendo ser em tempos imemoriais ou num passado recente. (KAPOYA, 2016).

Os espíritos ancestrais têm lugar de destaque nas religiões africanas, pois as sociedades africanas se definem como compostas não somente por seres vivos, mas pelos mortos também. A morte atribui poderes extraordinários ao indivíduo levando-o a ter mais poderes que os seres vivos. Desta forma, os espíritos permanecem vivendo em suas comunidades e exercendo uma vida ativa. (KAPOYA, 2016).

O modo de ordenação da vida do africano, no geral, faz com que este vivencie sua religiosidade e ou sua fé em todos os momentos de sua vida, diferindo-se do modo ocidental que realiza seus rituais num único momento do dia, da semana, ou do mês. Assim, no modelo de religiosidade vivenciado pelo africano não se distingue o secular e o sagrado.

Pensando especificamente, o caso do povo negro vindo do continente africano e os nascidos no Brasil, incluindo os mestiços, é salutar ter a percepção do processo

de tentar destruir a cultura negra, antes mesmo que o continente África se tornasse uma saudade para esse grupo. Desta maneira, tudo que era relacionado aos negros passa a ser visto de forma negativa, a sua cor é por conta de um pecado bíblico, seus traços físicos não são vistos como bonito, pois o ideal de beleza é o europeu, são propensos ao crime, ao mesmo tempo em que são considerados melhores para trabalhar do que os índios, são taxados de adeptos a vadiagem, suas expressões religiosas tidas como demoníacas, entre uma infinidade de fatores depreciativos que vem sendo aperfeiçoados ao longo dos séculos fazendo com que, ainda na atualidade, a população negra existente no Brasil sofra com esse processo desqualificador que se encontra na estrutura do país.

Segundo Nascimento (2016) não se deve pensar como sendo uma concessão, respeito, nem mesmo reconhecimento, a incapacidade branca de por fim as manifestações culturais africanas, que veio a se expandir por diversos setores da vida nacional. A Igreja Católica foi um dos instrumentos mais utilizado pelas forças dominantes, assim, esta não é, certamente, a responsável por manter vivas as religiões de matriz africana nas Américas, sobretudo na latina. A Igreja também era grande possuidora de escravos que usava para obter lucros além de atacar e perseguir a religiosidade africana, tal atitude não ficou restrita ao período colonial, na atualidade continuamos a perceber o mesmo olhar inquisidor.

Apesar de toda perseguição católica as religiões africanas, algumas dessas últimas conseguiram manter sua estrutura, enquanto outras se mantiveram por meio de determinado elemento ritual e de alguma divindade que conseguiu manter seu culto. Contudo, a “manifestação espiritual africana” não se restringia somente ao domínio do religioso, mas se estendia para outros domínios, como é possível ser observado nos autos populares dos congos, dos quilombos, do bumba meu boi, entre outros. Por meio dessas manifestações os negros puderam reproduzir “formas tradicionais africanas adaptadas ao novo ambiente” ou ainda, “infundiam as foras culturais estrangeiras um espírito africano” inculcando as mesmas adaptações ou as reduzindo ao seu parâmetro cultural. (NASCIMENTO, 2016, p. 124).

É importante salientar, que não foram todos os africanos e/ou seus descendentes que estiveram em condições de atuar para preservar e mesmo desenvolver a contribuição da cultura negra a uma nova que se formava no novo país, pois não se deve perder a percepção de que esses negros encontravam-se em condições muito difíceis, uma vez que eram constantemente submetidos a violências

o que levou a desintegração de suas instituições culturais. Sobre esse processo de desestabilização da cultura negra Nascimento (2016) expressa que:

As línguas africanas- expressão fundamental da visão de mundo de suas respectivas culturas – foram destruídas, com raras exceções para fins rituais. O racismo, exatamente como classifica as raças em “superior” e “inferior”, emprega idêntico critério para rotular as línguas em “inferior” e “superior”. (NASCIMENTO, 2016, p. 125).

Entretanto, a cultura negra presente na religiosidade brasileira, seja a partir das religiões de matriz africana, seja por meio do sincretismo com outras denominações religiosas é foco do presente dossiê por sua inegável contribuição à nação se manifestando por meio de ritos, cultos e festas, os quais poderemos ter uma pequena mostra através dos 17 artigos que compõem o presente material, que compõem um grande mosaico da diversidade da cultura religiosa negra.

A abertura do dossiê se dá com o trabalho de Rosalvo Ivarra Ortiz retratando a questão religião e cura são fortes elementos para explicar a história negra por conta da diáspora pelo atlântico.

O segundo artigo escrito por Diogo Coutinho Iendrick, intitulado *A casa de Candomblé: família e negociações de domesticidade* traz a relação dos praticantes dessa manifestação religiosa com as Casas aos quais pertencem, os conflitos, tensões e negociações experienciados nesses espaços rituais nos chamados pelo autor, “engajamentos de domesticidade”.

O terceiro artigo publicado em inglês, cuja tradução do título é *Onde antropologia e espiritualidade se encontram: eros, libido e força-da-vida – conceitos da visão de mundo tradicional africana e seu ressurgimento no foco de debates sobre personalidade e sexualidade na modernidade*, que o autor Ullrich Relebogilwe Kleinhempel faz o ensaio baseado no significado espiritual e cultural da sexualidade pela ótica da filosofia tradicional Africana tendo em mente os debates ocorridos nas sociedades ocidentais e africanas.

O quarto artigo, *Mito, Identidade Africana e a Política de Reconhecimento: um paradigma e uma reflexão epistemológica em busca do afro-nacionalismo*, escrito por Hinervo Chico Marqueza traz em suas reflexões, baseado na Filosofia da Cultura, como a personalidade e a emancipação africana não é concebível fora da identidade cultural africana.

O quinto artigo escrito por Lucineide Costa Santos, nomeado *Os Orixás a partir de uma perspectiva ética* versa sobre a ética estabelecida no candomblé por meio da relação existente entre o fiel e seu orixá.

O sexto artigo foi escrito por dois autores, Rafaela Santos dos Reis e Elder Pereira Ribeiro, com o título de *Alavagem da purificação-BA: cenas, sensibilidades e a religiosidade popular* o mencionado artigo pretende levar o leitor a compreender como a religiosidade popular estabelece vínculos a lugares, eventos e representam símbolos e histórias individuais e coletivas, tal intuito será realizado tendo como ponto de observação a Lavagem da Purificação.

O artigo de número 7 escrito por Rita Suriani Lamas intitulado *A formação das religiões afro-brasileiras: A interferência do sincretismo religioso* versa a respeito do processo sincrético religioso que ocasionou na concepção das religiões afro-brasileiras.

O autor do oitavo artigo é Amurí Amaral Ribeiro que retratará a relação existente nos terreiros destinados aos cultos afro-brasileiros no processo de formação de identidade de seus adeptos. O título desse artigo é *Terreiros sagrados: as religiões afro-brasileiras como espaço de resistência e reconhecimento identitário*.

O nono artigo de Andressa Antunes traz o título *No manto da santa, nas leis do Império: afrodescendentes livres e libertos na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos pretos do Alto da Cruz, Vila Rica, 1780-1829* e por meio do estudo dos Livros de Entrada e Anuais de Irmãos da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário do Alto da Cruz de Vila Rica (atual Ouro Preto), a autora busca promover uma discussão sobre a presença dos afrodescendentes na América Portuguesa por meio das confrarias.

O décimo artigo, *Fé e escolarização de negros protestantes em Salvador (1982-1920)*, escrito por Gicélia da Cruz e Sueli Ribeiro Mota Souza tem como intuito demonstrar como a escolarização e o processo de fé de negros convertidos no trabalho batista em Salvador entre os anos de 1882 e 1920 se deu.

A pesquisadora Simone Assis foi a responsável pelo décimo primeiro artigo do presente dossiê, com o nome de *Diáspora africana e a memória congadeira em São João del-Rei: “a Congada vem mesmo da raça negra”* seu trabalho mapeou e buscou a compreensão de como as memórias do cativo e a liberdade são vivenciadas por diferentes gerações de congadeiros no bairro de São Dimas, na histórica cidade mineira de São João Del Rei.

Augusto Francisco Ferreira Neto e Samantha Simões Braga são autores do décimo segundo artigo de nome *Águas de Oxalá: o branco como símbolo e memória no microcosmo da cerimônia Nagô-Vodun* em que abordam o microcosmo religioso

Funfun das tradições e ritos Nagô-Vodun, um ritual que exalta a natureza física das águas e seu poder de purificação.

O autor Emiliano Jamba António João trabalha em seu artigo *Da opressão para a libertação: um novo olhar ao princípio reformador do sola fide, numa perspectiva africana* o princípio reformador do *sola fide*, que é o décimo terceiro desse dossiê, mostra através de um olhar africano o questionamento que negros cristãos fazem da necessidade de pertencerem a uma expressão religiosa de matriz africana para se sentirem religados com Deus.

O décimo quarto artigo, *Mulher e folia, trajetória e história: as religiões afro-brasileiras como via de empoderamento feminino em espaços androcêntricos*, de autoria de Andiará Barbosa Neder retrata os deslocamentos já ocorridos e os que ainda estão em curso no contexto da Folia de Reis, no tocante ao papel e lugar das mulheres, sobretudo as umbandistas, que estão adentrando este universo antes destinado apenas aos homens, e discute como é encarada a participação feminina nas folias umbandistas e nas católicas.

O décimo quinto artigo escrito pelas pesquisadoras Gilmara Mariosa e Cláudia Mayorga, cujo título é *Negras memórias: tradição religiosa de matriz africana no Brasil* aborda as memórias das práticas das manifestações de religiões africanas, com enfoque no candomblé, e como as mulheres preservam e contribuem para a preservação dessa memória.

O décimo sexto artigo escrito pelo pesquisador Paulo Victor Zaquieu-Higino e intitulado *Batalhas entre Orixás e Olímpianos: intervenção escolar a partir de jogos de tabuleiro como espaço de tolerância a partir das mitologias africana e grega* versa sobre a correlação entre os deuses do Olimpo e os orixás feita através de uma experiência com alunos do ensino médio e técnico utilizando jogos de tabuleiro numa atividade pedagógica e lúdica.

Os pesquisadores Arthur Lima de Oliveira e Glauber de Araujo Barroco Lobato são os responsáveis pelo décimo sétimo e último artigo do presente dossiê, com o nome de *A intolerância religiosa e o preconceito racial nas escolas: reflexões sobre a importância da atuação docente* e como bem explícito no título o objetivo do trabalho é a análise de como a intolerância religiosa, que se dá, sobretudo, em relação as religiões de matriz africana, se dá no campo escolar e o papel e a responsabilidade que os professores precisam ter para lidar com essas situações.



Com temas bem variados sobre a temática negra na diáspora e em África o presente dossiê é um convite ao mergulho nessa temática que no Brasil não deve ser de interesse apenas da comunidade negra, e não somente no campo acadêmico. Conhecer o outro é a melhor maneira de desfazer conceitos arraigados na nossa sociedade que há alguns séculos tem contribuído para marginalização, descrença, desrespeito ao povo negro. Que todos que aceitem mergulhar nessa leitura tenha uma ótima experiência.

Maria Luiza Igino Evaristo

### Referências

- EVARISTO, Maria Luiza Igino. **Sincretismos, negociações e conflitos: Apropriação e inversão do catolicismo nas irmandades negras de Nossa Senhora do Rosário na Minas Gerais do século XVIII.** Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora para obtenção do título de mestre, Juiz de Fora, 2013.
- KHAPOYA, Vincent B. **A experiência africana.** Petrópolis: Vozes, 2016.
- NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro: Processo de um racismo mascarado.** São Paulo: Perspectiva, 2016.
- REIS, João José. **A morte é uma festa.** São Paulo: Cia das Letras, 1991.
- \_\_\_\_\_. Identidade e diversidade étnicas nas irmandades negras no tempo da escravidão. **Revista Tempo.**v. 2, n. 3, 1996, pp. 7-33.